

## Resenhas

### *Plínio Salgado e o seu perfil biográfico, embates entre memória e história\**

João Fábio Bertonha\*\*

Lídia M. Vianna Possas\*\*\*

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, meu pai*, São Paulo, GRD, 2001, 498 pp.

A produção de biografias é uma tarefa complexa, que, assumindo distintas funções e finalidades, pode redimir, acusar, justificar e, até mesmo, anular a memória. Biógrafos profissionais apreciam os detalhes picantes da vida íntima de celebridades, para garantir maior demanda de livros. Alguns escrevem narrativas de encomenda, para eternizar os que querem “entrar na história”. Outros são especialistas em reabilitar a memória de companheiros de fé política, amigos e parentes próximos, que enfrentaram

uma consistente oposição e ataques veementes em vida, forjando a construção de rótulos e imagens muitas vezes pejorativas.

A biografia de Plínio Salgado, publicada por sua filha Maria Amélia, nos possibilita distintas reflexões, seja sobre o propósito da obra, a natureza do discurso, a discussão da trajetória política da personagem e, como sugerido pelo título, *Plínio Salgado, meu pai*, também sobre as relações de sociabilidade e de gênero, passíveis de serem captadas no relato.

---

\* Resenha recebida em março de 2003 e aprovada para publicação em outubro de 2003.

\*\* Professor da Universidade Estadual de Maringá.

\*\*\* Professora da Universidade Estadual Paulista – *Campus* de Marília.

Para começar, a obra se apresenta com a pretensão de ter a versão definitiva sobre a vida de Plínio Salgado, a resposta e, também, a justificativa para acontecimentos contraditórios e até duvidosos que envolveram a sua trajetória política.

O passado é revisitado, desde a infância do chefe integralista, em sua cidade natal, São Bento do Sapucaí, SP, como uma forma de buscar as origens exemplares de uma personalidade que estava sendo gestada para ocupar, em um futuro imaginário, a função de líder e construtor de um projeto nacional de sociedade.

Desta maneira, o seu nascimento, o cotidiano de sua meninice, as aptidões intelectuais que se manifestaram desde cedo, a sua constante indignação diante da corrupção dos velhos coronéis, o pendor pelas letras e o autodidatismo são relatos devidamente selecionados para enfatizar e confirmar o seu sentimento patriótico e a sua pureza de alma, uma espécie de visão mítica, para ele assumir a função de liderança e de projeção à frente de um partido político, criado após o Manifesto de 1932, em São Paulo.

A obra tem a preocupação de mostrar Plínio Salgado como um homem incompreendido e sempre vencido pelos “tubarões da política”, apesar da “retidão de suas idéias e princípios”. Seu idealismo é defendido à exaustão. Além disto, constrói um discurso controverso e repleto de filigranas ideológicas, de modo a negar a relação do Integralismo com os fascismos europeus.

Para o leitor que conhece a trajetória da AIB (1932-1938) e do seu Chefe Nacional, Plínio Salgado, os seus momentos de grande proselitismo e a fase de declínio, até o exílio, o livro assume um cará-

ter extremamente defensivo de sua vida e obra, pretendendo mesmo a reabilitação. No entanto, Maria Amélia, como autora, filha e militante na AIB, parece ficar às margens desta construção, pois, conforme consta da “explicação” inicial, “os capítulos referentes à sua infância foram redigidos segundo anotações por ele deixadas”, enquanto a parte do exílio em Portugal também foi escrita por Plínio, a partir de manuscritos vários e de cartas enviadas para ela e o marido, Loureiro Junior. Logo, o que sentimos desta obra é que a autora se torna uma organizadora de textos compilados, perdendo a oportunidade de produzir um livro singular, conforme expõe no título, onde a relação de filha, de certa militância dentro da AIB, e a perspectiva feminina viessem à tona, deixando evidenciar uma narrativa rica pela subjetividade e pelas formas de sociabilidade. Além disto, o próprio fato de a Editora que publicou a obra estar ligada aos remanescentes do Integralismo reafirma o caráter reabilitador que perpassa todo o texto e impede mesmo a “autora” de ter um espaço próprio.

Não resta dúvida de que a redação e a publicação de livros são um direito de qualquer cidadão. A autora tem não apenas o direito, como talvez até o dever de estar envolvida diretamente na defesa da vida política de seu pai. No entanto, nem mesmo este compromisso afetivo aparece na obra, uma vez que o texto é feito na voz de um(a) narrador(a) que não assume nem a natureza do sexo, nem qualquer relação de parentesco ou mesmo proximidade. Falta ainda a experiência formalizada de historiador, que interfere seriamente no valor historiográfico do trabalho, pois ele se torna um testemu-

nho de opinião única. No esforço de divulgar uma memória do pai, certos aspectos da sua biografia (como as aproximações com líderes do fascismo, italiano nos anos 30, e os contatos com agentes alemães e italianos em Portugal, nos 40, já documentados pela historiografia recente) são simplesmente omitidos, enquanto outros, os mais controversos e que mereceriam uma investigação mais apurada (como o papel de Plínio no Golpe de 37 e nas estratégias de instalação do Estado Novo e, mesmo, no “putsch integralista” de 1938), são abordados de maneira superficial e com poucas evidências documentais. O historiador profissional sabe que precisa ter os cuidados metodológicos necessários, a fim de garantir que uma determinada realidade seja captada, não pelo senso comum, mas pelo trabalho a partir da documentação e da reflexão teórica sobre a mesma, e isto não aparece aqui.

A presente biografia é um avanço, no sentido de estimular estudos e outras investigações sobre este intelectual e político, que marcou boa parte da história brasileira do século passado e que merece uma atenção mais séria da historiografia nacional do que recebeu até agora. Neste sentido, uma biografia fundamentada pelas novas perspectivas e abordagens da história sobre o personagem seria mais do que bem-vinda e nos parece apropriada, até como contraposição crítica ao livro aqui resenhado.

A produção de uma história da direita radical brasileira ainda apresenta várias lacunas. Parece razoável acreditar que ela tem início no período republicano, diante do avanço da modernidade, e que alcançou certa expressão nas décadas de 10

e 20, quando o tema do nacionalismo invadiu a agenda nacional e se expressou na intelectualidade, entre os militares e outros grupos da sociedade. Vários movimentos, como a *Liga de Defesa Nacional* (1916) e a *Liga Nacionalista* (1916), surgiram, assim como revistas, como *Braziléa*. Todos estes grupos (das mais variadas perspectivas) tentaram articular e influir no debate político daqueles anos.

Este quadro veio alterar-se no decorrer da década de 20, com a crescente agitação política e a fundação do PCB. Começaram, então, a reestruturação e a maturação desta direita radical, com a criação do *Centro Dom Vidal*, da revista *A Ordem*, de Jackson de Figueiredo, e de outros grupos claramente na extrema direita do espectro político. Ainda que sem o poder e a organização dos nacionalistas argentinos ou das ligas francesas, por exemplo, a direita radical brasileira começou, de qualquer forma, a se organizar e a se autodefinir melhor neste período.

Nos anos 30, a combinação destas tradições com uma forte influência do fascismo internacional colaborou para a criação de um regime autoritário nos moldes tradicionais, com alguns componentes fascistas (o *Estado Novo*), e de um movimento fascista bem próximo ao padrão europeu, mas onde também não faltaram especificidades locais. Estamos nos referindo, é claro, ao Integralismo de Plínio Salgado.

No pós-1945, a direita, e não apenas a radical, se incorporou ao jogo democrático e ao clima de guerra fria. O caráter crescentemente golpista de suas políticas acabou levando ao movimento de 1964, quando se iniciou uma nova fase de sua hegemonia.

Este quadro é muito geral e tem lacunas bastante acentuadas, que precisam ser preenchidas. Efetivamente, acreditamos serem necessários outros estudos monográficos que venham reforçar os nossos conhecimentos a respeito e, especialmente, através de projetos que ambicionem fazer um estudo mais integrado e interdisciplinar da direita no Brasil.

Realmente, a chamada “extrema direita” não é um fenômeno de natureza política que aparece na cultura brasileira apenas nos anos 30 e desaparece, sem deixar vestígios, nos anos subseqüentes. Personagens e idéias que compunham o quadro da direita radical nos anos da República Velha (1889-1930) foram fundamentais para o surgimento das idéias esboçadas pelo Integralismo e de outros grupos de direita radical nos anos 30. Permanentes em nossa cultura política são os que Marilena Chauí chamou de “nossa tragédia” e voltaram a se articular em período posterior, formando novos grupos, difundindo idéias e influenciando a máquina do Estado, especialmente nos anos do regime militar.

Temos a impressão de que a influência dos grupos de direita dos anos 10 e 20 na construção do ideário do Integralismo e nos mecanismos pelos quais a extrema direita permaneceu e definiu o destino do país, mesmo no pós-Segunda Guerra Mundial, seriam merecedores de uma análise mais cuidadosa e de uma investigação que fizesse uma releitura da produção historiográfica frente às novas questões que a contemporaneidade veio colocar. Tal análise teria sentido num trabalho que rompesse os limites artificiais dos períodos tradicionais da História brasileira. As idéias, as práticas e as perso-

nagens da direita radical devem ser pensadas, em nossa opinião, como uma teia de relações atuantes no todo contínuo, que não interrompe o seu processo diante de grandes marcos cronológicos (1930, 1937, 1945 ou 1964) ou em contato com outras forças políticas e sociais, mas que vivenciam uma contínua mutação e adaptação às novas forças políticas emergentes.

A biografia de Plínio Salgado, neste sentido, é de relevância, pois o líder integralista foi, na realidade, uma figura-símbolo da direita radical brasileira no século XX e recuperar a sua história é recuperar também a história deste pensamento e desta prática política.

Salgado, efetivamente, não nasceu em 1932 e nem faleceu em 1938, balizas oficiais da AIB. Foi político da República Velha, escritor modernista, líder integralista, deputado do período populista, com o PRP, e participante do regime militar. Sua influência na sociedade que o circundava não foi desprezível e não se limitou aos anos 30.

A figura de Plínio Salgado merece ser recuperada a partir de sua biografia e nem tanto pela excepcionalidade ou pelo grau de importância que sua liderança representou na história do país. Sua vida, sem dúvida, foi muito rica e suas idéias, atos e relações foram decisivas em momentos-chave da vida política e intelectual nacional. No entanto, nos anos da República Velha, ele não era nada mais do que um dos muitos intelectuais que criticavam o sistema liberal e, no pós-1945, seu espaço político, apesar de não desaparecer, se restringiu notavelmente, com ele se transformando em mais um dos políticos do período populista que,

depois, se uniriam ao regime militar. Com exceção do breve período do Integralismo (1932-1938), portanto, quando esteve em primeiro plano na política brasileira e quase atingiu o poder, sua trajetória se cruza com outros intelectuais e participantes da mesma agremiação, minimizando uma excepcionalidade apontada de maneira exaustiva, nesta obra ora resenhada.

Por que, então, estudar a trajetória de vida deste homem? Entendemos que ela adquire um interesse histórico maior por dois motivos. Em primeiro lugar, reconstruir sua vida é recuperar, como já dito, uma parte da história da direita radical neste período. Em segundo lugar, a vida longa e coerente de Salgado aos princípios fundadores de uma Sociedade Integral e de natureza espiritualista nos fornece a possibilidade de pensar a história da direita radical brasileira de forma mais articulada, fundindo idéias e prática política e rompendo os limites cronológicos já apontados.

A nossa proposta fica evidente. Não se trata de fazer um estudo do perfil psicológico, da personalidade de Salgado ou um estudo hermético de suas idéias, mas analisar o contexto em que foram pensadas e postas em prática. De fato, entender Salgado sem compreender aspectos da história brasileira do período, como o avanço da modernidade frente às altera-

ções de valores e comportamentos, o populismo, como estratégia política, o trabalhismo emergente, as soluções autoritárias nos anos 30 e do advento do regime militar e outros, seria tarefa difícil, mas necessária. Por outro lado, é fundamental ressaltar que Salgado não foi passivo neste processo de relação com o contexto. Ele analisou, pensou, reinterpretou e ajudou a formar o ocorrido e é esta relação que deve ser recuperada.

A redação da biografia de Salgado, portanto, é um exercício, através do qual é possível recuperar elementos a respeito dos mais diferentes momentos do pensamento e da prática política da direita radical brasileira no século passado. Do mesmo modo, sua biografia pode oferecer a oportunidade para a recuperação de sujeitos outros dentro da história da direita, sejam eles as mulheres, as crianças, os imigrantes ou os negros e os mulatos brasileiros.

A biografia escrita por Maria Amélia, sua filha, perdeu a oportunidade de captar as novas inquietações que afligem os historiadores e se limitou à confirmação de mitos. Ela pode ter alguma relevância ao estimular estudos deste tipo, mas, acima de tudo, indica que conceitos “fora de moda”, como distanciamento mínimo do objeto e trato documental, continuam vitais para a atividade do historiador.